

08.12.1988



FOTO FERNANDO AMORIM

Maria: 100 anos bem vividos

Maria, filha de escravos, faz 100 anos

Hoje é um dia feliz para a pequena família de Maria Patrocínia da Conceição: ela completa 100 anos de vida. Filha de escravos, com lucidez impressionante, ela vai à missa para agradecer a Senhor do Bonfim tanta felicidade. (Página 5)

INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS
CENTRO DE ESTUDOS
CONTEMPORÂNEOS

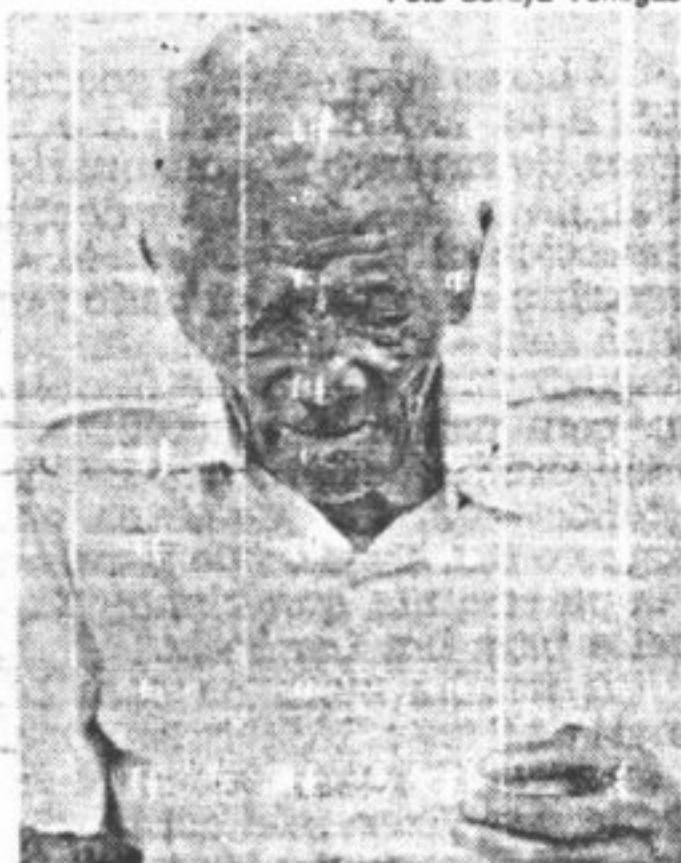
Aos 120 anos, Deodoro não esquece a Abolição

— Quando acabou a escravidão houve muita festa. A senzala teve muito jongo, mas eu não estava lá. Adorava uma festa, mas não estava lá. Estava na casa do senhorio onde trabalhava.

Esse e outros relatos não estão em nenhum livro de história. Estão guardados na memória de Manuel Deodoro, que, como a mãe, o pai e uma avó, era escravo numa fazenda de café, em Minas Gerais. Hoje, com 120 anos — para quem duvida ele se apressa em mostrar uma bem guardada certidão de nascimento tirada em Campos e baseada numa carta de alforria que recebeu no dia de seu nascimento —, ainda se recorda do dia 13 de maio de 1888.

Seu Manuel não sofreu maus tratos nem chegou a ficar na senzala com outros escravos, porque foi alforriado no dia em que nasceu, já que seus senhores queriam que ele fosse batizado por um padre. Por este fato — que era considerado um privilégio para os negros escravos — Manuel ficou sendo um empregado da casa grande: fazia pequenos trabalhos nos jardins e tinha o direito de ficar brincando com o filho de Ana dos Reis, mulher de seu senhor.

Os pais de Manuel — ele não demora a dizer seus nomes (o da sua mãe era Maria da Conceição e do seu pai Deodoro Maciel) —



Manuel Deodoro

trabalhavam na lavoura com os demais escravos.

— Os outros iam para a lavoura, mas eu ficava limpando as folhas das árvores perto daquela casa comprida em que ficava — lembra Manuel.

Na memória também ficaram guardadas recordações amargas. Seu Manuel insiste em que na fazenda onde foi escravo não ocorriam violências, mas lembra quando viu o corpo de um escravo sendo queimado:

— Vi aquela fumaça preta saindo de um buraco e, quando

ful verificar, era outro escravo que estava queimando.

O velho Manuel, no entanto, não tem só lembranças do tempo da escravatura e da abolição. Recorda vagamente as notícias da Revolta da Chibata, comandada pelo marinheiro João Cândido, em 1910. Ele também não se esquece de mencionar a Revolução de 30, que teve como líder Getúlio Vargas. Mas tudo isso foi muito depois que ele deixou a fazenda em que morava, em Minas.

— Quando acabou a escravidão, quando a Princesa Isabel assinou a Abolição, vim para o Estado do Rio com uma mixaria.

Juntamente com ele, vieram sua mãe, seu pai e sua avó. Logo depois da Abolição eles foram para o Norte Fluminense e acabaram por ficar em Campos, onde Manuel e sua família trabalharam na lavoura de cana-de-açúcar.

Nas suas andanças, Seu Manuel chegou a Mimoso do Sul, no Espírito Santo, onde “só via mata e passarinho gritando”. Do Espírito Santo voltou para o Rio e, depois de passar por várias cidades, há 2 anos mora na casa de uma família em São Gonçalo.

Seu Manuel jura que nunca teve filhos nem casou:

— Casar é para viver bem. Ouvia dizer que homem queria matar mulher, mulher queria matar homem... Nunca quis saber de casar, não.

Participaram da cobertura do Centenário da Abolição os repórteres: Ângela Barbosa, Antônio José Mendes, Ana Baum, Carlos Nobre, Cláudia Rodrigues, Edgar Arruda, Eliane Azevedo, Geraldo Bezerra de Menezes, Jeline Rocha, Luiz Fernando Mello, Leila Magalhães, Márcio Guedes, Mauro Leão, Márcia Carmo, Rosângela Soares e Tesla Coutinho (Rio de Janeiro). Elizabeth Andalaft e Jorge Antonio de Barros (São Paulo)

05.1988

A302

eu φ

ALUGO

INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS
ENTRADA

"Seu" Manoel: um ex-escravo de 120 anos

Por Uelinton Farias Alves

Relato de Manoel Deodoro Maciel, o ex-escravo, mostra algumas das manhas da ideologia de dominação do racismo e desfaz mitos, entre eles o de que o negro promovia a sua própria degeneração, e que o espaço para isso era a senzala, onde só os escravos habitavam.

Um dos instrumentos usados para fortalecer a ideologia racista e reproduzi-la era a tática da divisão e isto fica claro quando Maciel afirma que os mulatos é que faziam as confusões, ou seja, exatamente os escolhidos e criados pelo poder senhorial para estabelecer hierarquias e escalas de valores que dificultavam a união dos negros.

Outra aparente contradição, que poderia provocar narizes torcidos entre os intelectuais ou pseudo-intelectuais de hoje, é a de considerar como "bom" o senhorio. A "incoerência" desaparece logo a seguir quando ele lembra que o patrão "bom", prometeu pagar uma espécie de indenização logo após a chamada Abolição, mas ficou só na promessa. Com isto acaba aparecendo de fato o paternalismo, — que ainda se encontra em larga escala por aí — através do qual concessões eram feitas mas desde que não afetassem a relação de dominação estabelecida. Encurtando, eram libertados os negros, mas ficavam livres sem condições de sobrevivência.

O mais importante entretanto, no depoimento do ex-escravo, é a prova de que os registros não são apenas os oficiais (leis dos vencedores), e bem que poderia ser aproveitado no projeto de historiografia oral através do qual a Fundação Getúlio Vargas já ouviu diversos "medalhões" da sociedade tradicional.

Ha 120 anos, nascia, na cidade mineira de Belo Horizonte, a 8 de janeiro de 1868, o negro Manoel Deodoro Maciel, cujo destino, como o da maioria negra nascida no Brasil daquele período de nossa história, era o exílio, o acóite, a senzala, o sofrimento de uma vida fadada ao servilismo e a ganância dos escravocratas em geral. Período em que o negro era vendido como peça ou mercadoria e era considerado como um bocado, um pára, uma coisa qualquer sem identidade cultural e étnica, ou apenas um ser não destinado à integração social na sociedade aristocrática e burguesa daquela parte do Império. Mas, na verdade, a vida pregou uma boa peça na longa existência deste homem hoje já bastante cansado, e que só tem agora como consolo e repouso as lembranças do tempo em que foi escravo do "senhorio bom". Neste ano de 1988, comemoram-se 100 anos que a princesa Isabel assinou a Lei

Aurea, libertando os negros do Brasil. Isto significa que, naquela já centenária data, Manoel Deodoro tinha apenas 20 anos de idade, e nunca imaginaria que teria uma vida tão prolongada e tão rica de dados históricos sobre tudo o que viu e participou. O ex-escravo afirma que foi apurado por uma parteira negra que "tinha uma carteira com o nome dela escrito" e que passava à família um papel atestando o nascimento do menino. Tudo isso Manoel lembra sem grande esforço, como se esses fatos de há 120 anos passados estivessem para ele tão presentes como a data de hoje.

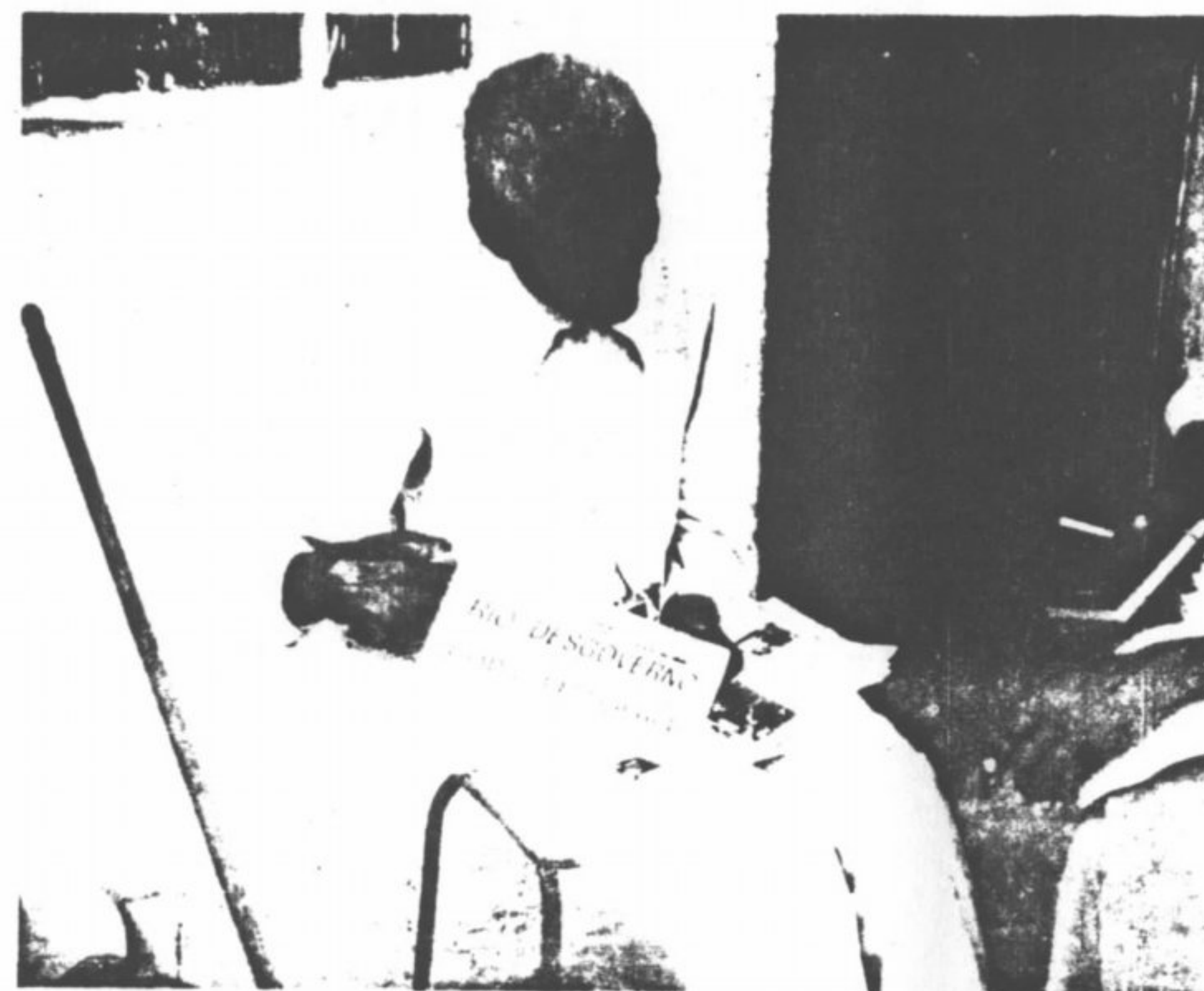
"MEU SENHORIO NÃO JUDIAVA DA GENTE, MAS NA OUTRA FAZENDA O SENHORIO BATIA, ENFORCAVA E QUEIMAVA OS NEGROS".

Seus pais eram brasileiros e, como nos informa o próprio Manoel, eles "viveram muito tempo, até depois de libertação". Manoel, ao nascer, não teve a sorte de muitos de seus amigos que nasceram na vigência da Lei do Ventre Livre (1871), mas diz que o seu senhorio era muito bom e não deixava que os escravos trabalhassem no sol forte.

— Eu só trabalhava debaixo das árvores, catando folhas e varrendo o terreno. Meu Senhorio não judiava da gente, mas na outra seção (fazenda) o senhorio era mal e batia, enforcava e queimava os negros.

Seu Manoel é categórico ao falar que no tempo da escravidão havia uma tal "bagunça de matar e roubar, mas revela que não era coisa de negros: "tinha mulatos de outra função que entrava e fazia a bagunça", aonde ele estava, que dizia ser um lugar calmo. Pois lá "todo mundo era peixe, todo mundo ficava sossegado, não havia nada".

— Tinha senzala. Senzala era uma casa comprida, era confortável e muito melhor do que hoje, muito melhor do que as casas de hoje. As mulheres viviam separadas dos homens. Nós tínhamos comida, tínhamos roupa, tínhamos tudo. Lembra ainda que quando a Regente Isabel aboliu a escravidão, o "pai dela foi a Portugal e autorizou a libertação". Ainda há na memória do senhor Manoel Deodoro Maciel muitas



Manoel, aos 120 anos, com toda a sua visão de mundo, ainda lucido para as realidades do País

reminiscências daquele tempo histórico a serem transmitidas para os brasileiros atuais. Quanto a notícia sobre a "libertação" diz que só a recebeu. — O Senhorio deu a notícia", conta. Após a Abolição resolveu correr mundo, não quis mais ficar, a exemplo dos seus companheiros de roça e senzala, atrelado ao senhorio que, embora segundo ele fosse bom, não pagou por tanto tempo de serviço que os negros lhe prestaram. — Ele disse que ia dar um dinheiro lá, mas eu não recebi — relata.

"SENZALA ERA UMA CASA COMPRIDA, CONFORTÁVEL E MUITO MELHOR DO QUE AS CASAS DE HOJE".

Sem mais demora, Manoel partiu para o Espírito Santo, voltou a Belo Horizonte, seguiu para outras cidades mineiras, até alcançar a cidade de Campos no Estado do Rio de Janeiro, onde encontrou trabalho junto aos pais do seu atual tutor, Antônio Bagunça. É provável que antes disso tenha sofrido muito pelo caminho e mesmo dormido pelas ruas das cidades por onde passou. No seu relato, seu Manoel diz que chegou a conhecer e ter contato com o abolicionista José do Patrocínio ainda em Belo Hori-

zonte e de lá presenciou também o monumental acontecimento da proclamação da República (1889). Memória fértil, autêntica aos fatos narrados, ele se lembra com alegria das noites de rodas de dança na fazenda e diz que até hoje "dá uma dançadinha de Maracatu e Jongo".

Revela que está esperando o seu reumatismo passar ("é só um problema de lua", diz) para, apoiado em sua bengala, dançar nas festas dominicais de pequena casa onde mora, pertencente a Antônio Bagunça, um velho amigo de Manoel desde os tempos em que o velho morava para os lados de Campos. Manoel, festeiro e de temperamento inquieto, dançou baile com o pai e a mãe de Antônio Bagunça quando eles ainda eram bem moços. Hoje o seu Antônio está com 62 anos, mas somente há apenas dois foi encontrar o antigo amigo da família no Rio de Janeiro.

"ELE DISSE QUE IA DAR UM DINHEIRO LÁ, MAS EU NÃO RECEBI".

Manoel Deodoro Maciel mora na Fazenda dos Mineiros, região do Município de São Gonçalo, cidade situada a 11 quilômetros de Niterói. É, talvez, a figura mais popular do bairro. Por onde ele passa as pessoas o reconhecem e o respeitam.

O bairro é bastante pobre, com a casa que ele habita. Seu Manoel Deodoro é pensionado pelo sistema do Funuraf, ganhando uma ninharia por mês. Por isso ele gosta de recordar com saudade os tempos de Getúlio Vargas, cujo governo acha que foi um dos melhores do Brasil.

— Na época do Getúlio é que era bom. Hoje, esse governo entrou, mas não é de nada. Esse "cabeça russa" (José Sarney) que tem aí, esse é parente da turma que comeu Getúlio. O Moreira está nesta turma também. Ele agora está judiando da gente aí, castigando com a gente aí — reclama.

"A MORTE É UM SONO, É O MESMO QUE ESTÁ DORMINDO".

Altivo em suas atitudes, o ex-escravo não tem uma receita para viver tanto tempo. Bebia e fumava até há pouco tempo. Não pensa em aconselhar a juventude porque acha que os jovens de hoje praticam muitas "estrepolias". Seu Manoel, mesmo ganhando um salário de fome, não teme a chegada da indesejada das gentes e filosoficamente diz:

— Eu não tenho medo da morte. A morte é como um sono, é o mesmo que está dormindo — declara.

Uma convivência bastante antiga

Numa pequena e humilde casa de Rua Laura Amélia, junto à Estrada das Palmeiras, no bairro Fazenda dos Mineiros, em São Gonçalo, mora Manoel Deodoro Maciel, um ex-escravo de 120 anos de idade. "Seu" Manoel, já sem condições de trabalhar, é mantido por um velho amigo, alguém que o conhece e o admira desde os tempos de menino no antigo sítio do pai, na região de Campos. Trata-se de Antônio Bagunça, de 62 anos, cujo avô deu trabalho ao idoso negro. Nascido e criado no Município de Campos, na região de Duas Barras, Antônio Bagunça viu ainda em criança Manoel Deodoro participar de derrubadas (ato de abater árvores), nas matas do sítio da família. Lá, conta ele, Manoel trabalhava praticamente para todos os demais fazendeiros, e citou os nomes de Felipe Turco, Joaquim Jorge e de um outro fazendeiro de nome Elias. Mantido pela família de Antônio Bagunça, Manoel Deodoro continuou a trabalhar em Campos. Conta Antônio que a última vez que o viu em Duas Barras, foi quando ele estava fazendo uma derrubada, para o lado do sítio de seu padrinho Juvenal Moreno, e sua mãe tinha sido mordida por uma cobra: — Papai tocou a sirene e então correu todo mundo ao redor de minha mãe, e estava junto o Manoel. Depois desse episódio só fui encontrá-lo já morando aqui, há dois anos mais ou menos.

Segundo ainda Antônio, Manoel viu sua mãe e seu pai ainda crescerem em Campos, e por pouco ele não casava-se com ela.

— Ele dançou baile com o meu pai e minha mãe, e eu não era nem nascido. Mamãe não quis casar com ele porque ela o achava já muito velho — conta. Antônio Bagunça saiu de casa aos 12 anos, fugido. Depois de estudar para a carreira militar, veio para o Rio de Janeiro, ficando residência no Município de São Gonçalo. Quando chegou a localidade há dois anos, soube que por ali estava Manoel, mas, passado tanto tempo, não se lembrava mais da fisionomia do amigo.

— Ele estava muito mudado. Além do mais, eu era pequeno, usava camisola quando ele trabalhava lá na fazenda.

Os dois se cruzaram pelos íngremes caminhos do bairro de Fazenda dos Mineiros mas o reconhecimento não aconteceu. Até que um dia foram apresentados e, emocionado com o encontro, Antônio o convidou a ir para a sua casa, onde residem também outras pessoas, entre crianças e jovens, além de Dona Emília dos Santos, de 48 anos, que acha a convivência com o ex-escravo muito boa, pois "ele não dá trabalho a ninguém".

A casa de Antônio Bagunça e Dona Emília, tem sido procurada por uma infinidade de pessoas desejosas de conhecer Manoel Deodoro. O ator e cineasta Zózi Mo Bubul, ao realizar o filme "Abolição", prestes a entrar em circuito, entrevistou o ex-escravo, registrando no seu filme as impressões vitais de 120 anos de história do Brasil.



Antônio Bagunça: "ele dançou baile com minha mãe e o meu pai", afirma.

Um bairro abandonado pelos Governos



Associação de moradores luta por melhores dias

A localidade denominada Fazenda dos Mineiros teve origem com a vinda dos trabalhadores de Minas Gerais para a região, provavelmente após a abolição da escravidão. Na verdade o bairro chama-se Itauna. Já no mapa da prefeitura de São Gonçalo, está registrado como bairro de Santa Terezina. Mas são os moradores, em sua maioria negros que descendem dos antigos trabalhadores da antiga Fazenda, que persistem em chamar o pequeno lugarejo, próximo 11 quilômetros da Cidade de Niterói, de Fazenda dos Mineiros. Placas de ruas, lojas comerciais, associações comunitárias, etc., todos trazem inscrito o nome que melhor vem definindo o "desenvolvimento" do lugar. Bairro pobre enclavado no coração de São Gonçalo, Fazenda dos Mineiros mostra uma discrepância muito grande com a política do governo que não vem atendendo socialmente as comunidades caren-

tes. A Vice-Presidente da AMAMIFIA (Associação de Moradores e Amigos de Manuel da Ilhota, Fazenda dos Mineiros e Adjacências), entidade filiada à Famerj, fundada em abril de 1983, Dona Carmem Isabel Rocha dos Santos, de 42 anos, diz que até agora o governo do Estado não ofereceu nenhum programa de atendimento e socorro ao bairro. As ruas do cefu aberto estão em toda parte. A falta de saneamento básico, de policiamento, de escolas e áreas de lazer, também é gritante.

Prefeito da Cidade de São Gonçalo, Alison Monteiro (PMDB), não vem dando a devida atenção que reverteria ter dado ao bairro de Fazenda dos Mineiros. Rodeados pelas mais crônicas dificuldades, os moradores, principalmente crianças, são obrigados a se manterem ao abrigo da precariedade reinante, já há bastante tempo, e que parece não ter mais fim. A escola municipal Willian Antunes

de Souza, única do bairro, atende a 329 alunos, de 1 a 4, em dois turnos, há 13 anos. A supervisora Paula, conta que assaltos ocorrem com frequência nas proximidades da escola, e que ela mesma já foi assaltada. Se isso não bastasse, as crianças, além de sofrerem com o matagal de 2 metros de altura, não têm passe escolar e bebem água de poço, sem tratamento. Dona Carmem Rocha, da Associação local, diz que o bairro realmente está abandonado pelos governos do Município de São Gonçalo e do Estado do Rio de Janeiro, sem coleta de lixo, sem água potável, embora se pague impostos. O atendimento à população, resalta Dona Carmem, é feito pelos programas assistenciais da LBA, programa do leite, ou pelo projeto "Esporte e Lazer Comunitário", que no momento está atendendo 72 crianças de 8 às 11 horas, na sede da entidade, à Rua Andrade Vilela, oferecendo recreação e lanches, no intervalo.

07.05.1988

doc 1691

Eu. 1717

INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS
CENTRO DE ESTUDOS
CONTEMPORÂNEOS

A longa vida de Benedita, que foi e

Preta, 105 anos, dois casamentos, 16 filhos, sendo que só quatro ainda estão vivos. Benedita Pereira de Lima nasceu em Simplício Mendes, no Piauí, cinco anos antes da Abolição da Escravatura. Da infância, ainda escrava, ela lembra pouco: "Eu catava lenha no mato, já trabalhava. Minha mãe não deixava brincar com os meninos, só com as meninas. Era uma correr atrás da outra e roda." Das cantigas ela não lembra mais.

O primeiro casamento aconteceu ainda garota, por imposição de um irmão mais velho: "Ele queria muito. Eu era menina e o namorado já era viúvo. Namoro não tinha isso de conversar como hoje. Eu ficava engomando roupa para as brancas até tarde e José, meu primeiro marido, ficava de lado só olhando. O primeiro filho veio quando eu tinha 12 anos: largava a casa e a criança e ia brincar. Quando José chegava não tinha comida, não tinha nada arrumado e ele ficava bravo. Eu não gostava dele." José,

segundo Benedita, morreu logo, mas ela não lembra quanto tempo ficaram casados. Muito pouco não pode ter sido porque tiveram oito filhos juntos.

Do segundo casamento, com Francisco, que já morreu há mais de 20 anos, Benedita tem boas recordações: "Ele era um homem bom, vivemos muito tempo juntos." Quando ela casou, tinha cinco filhos para criar do primeiro casamento, porque três já haviam morrido e ainda teve mais oito com Francisco. Benedita diz que trabalhava muito: "Era bom, mas eu trabalhava muito. Naquele tempo criar os filhos era muito difícil e eu ajudava meu marido lavando roupa. Ia para o olho d'água longe da cidade na segunda-feira e só voltava na sexta. Era só trouxa de roupa chegando para eu lavar. Na cidade, os filhos mais velhos cuidavam dos mais novos."

Faz sete anos que Benedita saiu de Simplício Mendes e veio para São Paulo

morar em Osasco com a filha mais velha, que cuida dela. Apesar disso, Benedita está lúcida, banho sem ajuda e se lava sozinha. Não gosta de cabelos brancos e, por isso, usa uma touca. Mesmo com a idade, ela dá trabalho para quem cuida de mim, dá comida, me embrulha. Mãe."

Luísa diz que se a mãe não fosse ela, a mãe e só fica um pouco triste. Benedita está ficando mais velha, grita às vezes para quem cuida de mim, mas não se preocupa com a saúde dela porque não cuidasse de mim. Tenho quatro rapazes ainda vivos, mas eles não teriam tempo para mim, como cuido de mim.

João Soares, 118 anos. Negro, nasceu livre

Ele nasceu no tempo dos escravos, mas não sentiu na própria pele a dor de não ser livre. Tem muitas histórias, muita imaginação. E ri de tudo

Antônio Mariano Júnior.

Centenário da Abolição



Na certidão de nascimento consta que ele nasceu no dia 20 de maio de 1870, na cidade mineira de Santo Antonio do Mucuri, tendo, pois, 118 anos de idade. Apesar disto, João Soares de Almeida, esse negro sorridente, morador de Cambé, um cidade vizinha de Londrina, diz a todos e chega mesmo a jurar que a sua verdadeira idade é 149 anos. A história deste senhor está diretamente ligada ao tempo do Brasil Colônia, tempo dos escravos e senhores, de mucamas e iaiás, de casa grande e senzala. Enfim, da época da escravidão no país. João nasceu livre, alforriado, assim como seu pai, cujo nome não recorda. Nasceu livre, mas testemunhou as "malvadezas" que faziam com os escravos. Viu o quanto o chicote imperava. Das suas origens não se recorda mais. Apenas que trabalhou na fazenda do senhor que o alforriou e, tempos depois, colocou o pé na estrada.

"Sou mineiro até no rastro. Nunca fui amarrado como burro como os nego era para apanhar. Eu só trabalhava para tirar o meu prato de comida, mas era muito triste ver os negros tratado como animal", recorda-se. Na verdade, João não está muito lúcido e as histórias que narra às vezes são interrompidas por divagações sem nexo. Quando isso acontece, o filho Moisés auxilia o pai e as histórias são imediatamente retomadas na parte onde parou de narrar. Para que se possa saber o que aconteceu naquela época, é preciso muita paciência, o que é perfeitamente possível, devido à sua simpatia e marca registrada: a sonora gargalhada. As histórias dele são fantásticas e às vezes parece que ele presenciou os fatos pessoalmente. Com diálogos e tudo mais. "A Princesa Isabel era moça bonita, bem feita mesmo. O pai dela não queria forrar (sic) os escravos do Brasil e quando ele teve que viajar... Bom, ela precisou fazer 'as vezes' do pai e assim libertou todos os negos e os dono deles ficaram brabos", diz com a gargalhada típica.

João conta que no dia 13 de maio, em Mucuri, foi uma festança que durou muitos dias, tudo regado a muita cachaça e muita dança para comemorar a libertação. Batendo com as palmas das mãos,



João: gargalhadas e imaginação.

João canta um pedaço de música que os negros de Mucuri entoaram no dia 13 de maio. "Viva a princesa Isabel, viva, viva, viva/Viva a princesa Isabel, viva viva". Ao ser indagado porque a princesa Isabel assinou a Lei Aurea, João tem uma estória que, segundo ele, foi passada de boca em boca na época. "A Dona Princesa quando passou pelas bandas de Mucuri, os negros se ajoelharam e imploraram: O dona princesa, livra nós desse tormento. O dona princesa, nós tá penando demais? Al ela ficou com muita pena e respondeu: 'Deixa estar que eu vou dar um jeito, não precisa chorar mais'. Então ela depois de algum tempo assinou o papel e deu liberdade para todos os negros que choraram pra ela."

João foi casado apenas uma vez, com Dona Cândida, com quem teve dez filhos. Ela morreu em 1982, com quase 70 anos. Dos filhos apenas sobrou o Moisés, seu fiel guardião e único parente vivo. "A Cândida morreu e eu fiquei aqui nesse mundão. Eu casei velho, com trinta anos e dos meus filhos o que sobrou foi só esse porque o resto morreu tudo de febre." Apesar das origens africanas, João é católico e crê muito em Deus. A tudo o que faz e a tudo que fala, ele sempre diz "graças a Deus". Atualmente, mora com seu único filho e com a nora em uma casinha simples, não muito arejada. O espaço físico dele se resume a um quatinho escuro, onde ele fica horas e horas até chegar o momento que o filho ou a nora o colocam numa cadeira de rodas para dar uma "espreitadinha" no sol.

Neste 13 de maio, João Soares de Almeida será homenageado no Estádio "Vitorino Gonçalves Dias", pela comissão "13 de Maio", responsável pela parte esportiva alusiva ao centenário da abolição. E não é só. Ele também será homenageado pela Comissão de Consciência Negra Londrinense, responsável pela parte cultural da programação.

Na verdade, João não sabe muito bem o que representam essas homenagens, mas disse que se for convidado irá. "Eu vou, mas não sei se aguento ir lá pois quem vai empurrar a minha cadeira? Eu acho que o Moisés não vai poder...", disse humildemente. Segundo o filho Moisés, João já foi grande dançador e grande violeiro. "Quando ele pegava na viola, eu ficava orgulhoso e quando dançava eu ficava envergonhado porque ele sabia dançar melhor que todo mundo. Era catira, congo, nove, ele dançava o que tocava", disse.

O que fazer para chegar a essa idade? "Só Deus sabe, meu fio, só Deus. Eu sempre fui de festança. Eu não bebia, eu comia cachaça, então não sei dizer o que eu fiz para chegar a essa idade. Só Deus sabe responder".



Com Moisés, hoje o único filho.

13.05.1988

A575

eu φ

A575

Cem anos depois, ela já não se lembra bem

ALEXANDRE RIBONDI
Da Editoria de Cultura

Nascer no interior da Bahia no dia 4 de maio de 1888 pode não ter sido um fato excepcional. Mas estar viva até hoje é. Por isto mesmo é que D. Flora, que atualmente vive na Casa do Ceará, em Brasília, tem todo o direito de exigir, para si, o bom pedestal que ocupam estes monumentos vivos da história. Afinal, ela não só passou pela Abolição da Escravatura, como viu a Proclamação da República, as duas Grandes Guerras, o Brasil getulista e a revolução de 64. Se tivesse se lembrado a tempo, D. Flora poderia, hoje, ser a grande analista dos fatos nacionais.

Mas não é, infelizmente. De sua vida na cidade de Plataforma, lembra-se muito pouco. Sabe que os escravos que estavam na fazenda, onde nasceu e viveu, ficaram lá, com a família. "Tinha uma negra que me criou e que era muito boa. Eu ganhei uma vaca e me lembro que eu e a mulher que me criava gostávamos de levar a vaca para dentro da sala, deixava ela sentada lá, e ficávamos acariciando seu pelo. Mas às vezes ela gostava também de comer as bananas e as outras frutas que ficavam em cima da mesa". Dos outros escravos, "os que moravam no fundo do quintal e que não eram bem tratados", D. Flora quase não se lembra, ou evita pensar neles. "Eu era filha única, neta única, sobrinha única, muita



Testemunha da história

mimada e não saía de casa". Só saiu para casar-se com um viúvo, pai de dois filhos. "Não me lembro quando, mas casei. E tive 16 filhos, com quatro casos de gêmeos". E conclui: "Assim, fiz o serviço mais rápido".

D. Flora também gosta de misturar as informações. Às vezes, lembra-se que seu pai era fazendei-

ro, com vacas no pasto, de onde saía o leite que era vendido na cidade. Outras vezes, prefere dizer que seu pai era operário e a mãe, dona-de-casa. Das ruas de sua época, onde possivelmente já transitavam os negros libertos, transformados em mendigos ou prestadores de pequenos serviços, ela não sabe nada. "Eu nunca ia na rua".

E seu casamento? Mesmo com um século completo de vida, D. Flora lembra-se das partes boas: "Meu marido era um homem muito bom. Gostava de me levar no colo para o banheiro, onde eu ia tomar banho". E interrompe aí o seu relato íntimo. Enquanto ela era dona-de-casa, seu marido, cujo nome não foi dito, trabalhava como porteiro de fábrica. "Sabe o que é porteiro?", perguntou. "Sei, aquele homem que trabalha na porta". E ela: "Pois é, sentado num banquinho, o dia inteiro. De noite, ele estava em casa".

E foi aí que D. Flora pediu licença para ir almoçar, lembrando que tinha que respeitar o horário, ou perderia a comida. No caminho, uma das funcionárias da Casa do Ceará comentou que gostaria de ver sua própria mãe envelhecer tanto assim, para poder cuidar dela. "Mas não sei se ela e eu chegaremos até lá", lamentou. E D. Flora, confiante: "Chega, chega, sim. Todo o mundo consegue". E seguiu pelo corredor adentro, guiada por seu óculos de lentes fortíssimas.

ALTO

CONTEMPORÂNEOS
CENTRO
TERDISCIPLINAR
ESTUDOS



"VÓ ANA"
As lembranças não se apagam

Lembrança do cativo aos 120 anos

Sem os traumas do cativo, lembrando do trabalho de sol-a-sol na lavoura e dos salários pagos apenas pelo dia trabalhado, Ana Vicência fala dos tempos passados, aos 120 anos de idade. As vezes lúcida, outras meio confusa, ela compara as dificuldades dos negros de ontem e hoje.

Bastante alegre e carinhosa com visitantes, "Vó Ana", como gosta de ser chamada, mora no Asilo Frei Zacarias. Ainda cantando músicas negras de seu tempo e fazendo gestos com os braços, demonstrando bastan-

te exatidão no ritmo, ela desperta a atenção de suas colegas, mas fica irritada quando várias pessoas pronunciam seu nome ao mesmo tempo. Aos 120 anos, "Vó Ana" lembra das manhãs em que sua mãe a acordava, juntamente com os irmãos, para mais um dia de trabalho. "Acorda nêgo, que vocês não podem perder o dia", pronuncia em sons musicalizados, seguido de um sorriso.

Dos tempos do cativo, Ana Vicência fala do trabalho dos pais, que era muito pesado e mesmo com as

dificuldades classifica aquela época como melhor para os que não podem ter uma "vida mais leve". Considerando já ter cumprido sua tarefa como mão-de-obra ativa, ela respira fundo e exclama: "Já trabalhei muito nesta vida". Sua feição muda logo quando fala sobre seus hábitos. Ana Vicência diz gostar de uma cachaça, para aquecer o corpo e ficar mais alegre, e de frango com quiabo. "Imagine se gente velha pode escolher o que gosta?", questiona, com um sorriso de ironia.

13.05.1988

A576

ev φ

Larico

CONTEMPORÂNEOS
DE ESTUDOS
CENTRO
INTERDISCIPLINAR

Maria José, cachimbo e rezas do século passado

Luiz Tajes

«Não sei direito qual a minha idade, mas nasci antes da princesa Isabel libertar os escravos». É assim que a filha de escravos, Maria José de Freitas, de 105 anos, sempre responde quando as pessoas querem saber sua idade. Maria nasceu em Ponte Alta, Minas Gerais, e hoje mora no Lar dos Velhinhos, Maria Madalena, no Núcleo Bandeirante. Gosta de fumar cachimbo, e se orgulha de livrar as pessoas de suas doenças e ansiedades, através de rezas que aprendeu com os escravos.

Maria José lembra-se muito nitidamente de sua mãe, uma escrava que se chamava Albertina. Ela uma mulher de sorte. Foi batizada pelo «senhor» (dono dos escravos) e quando virou moça assumiu toda a responsabilidade sobre a casa, disse. Madalena disse que não conheceu seu pai. «Cheguei a vê-lo de longe, algumas vezes, era um negro forte e bonito», lembrou.

A maior vontade de Maria José hoje é ganhar sua liberdade. «Não quero ficar muito tempo nesse lugar. A culpa é de uma branca azeda que chegou em Minas Gerais e trouxe milha filha para trabalhar, nessa cidade horrível que é Brasília», disse. Maria José fala pouco da família. Disse que tem um casal de filhos, «O menino ainda mora em Minas e minha filha Custódia que sabe ler e escrever, mora aqui perto. Foi ela que me trouxe para cá, mas eu não quero



Maria José

ficar presa. Tenho também um neto, um bisneto e um tataraneto, acho que é isso», concluiu.

De acordo com os funcionários do Lar dos Velhinhos, o humor da Maria José é muito instável e muitas vezes ela acorda adorando estar convivendo com todos os companheiros do Lar. Todos que convivem com ela garantem que as rezas de Maria José são milagrosas. «Eu aprendi a benzer com três ramos; é coisa dos meus pais e avós. São rezas capazes de trazer saúde e tranquilidade», disse.

Dona Sofia, 100 anos, relembrando os negros tempos da escravidão

Beatriz LIMA

No mesmo dia em que os escravos começaram a abandonar os cafezais, os engenhos de açúcar, o tronco e a senzala, nascia na fazenda "Estrela", no município mineiro de Porto Novo do Cunha, às 9h, Sofia Filgueiras Carvalho. Hoje, 100 anos depois, o dia 13 de Maio, que para a comunidade negra não representa uma data festiva, será comemorado com muita pompa num encontro que vai reunir os seis filhos, 60 netos, 90 bisnetos e 16 tataranetos de dona Sofia.

Filha de Manoel Gonçalves Filgueiras, um grande fazendeiro, possuidor de um vasto cafezal, onde eram mantidos cerca de 200 negros em regime de escravidão, no século passado, dona Sofia conheceu os horrores do cativeiro, através de um contato íntimo com escravos das fazendas da região. Apesar de ter nascido no mesmo dia em que a princesa Izabel assinou a Lei Aurea, libertando todos os negros, ela pôde presenciar, ao longo de sua infância e adolescência, a brutalidade com que os senhores de terra tratavam seus escravos. "Eu falava com o papai para ele soltar os negros. Que aquilo era um pecado", lembrou ela.

Dona Sofia cresceu na terra junto com os negros, que permaneceram na fazenda "Estrela" mesmo depois da abolição. Foi amamentada por uma ama-seca negra, passeava pela plantação de café acompanhada do "negro Firme", e era chamada de Sinhazinha. "Meu pai não maltratava seus escravos. As vezes ele era bruto. Mas tinha muitos outros fazendeiros da região que faziam sangrar os negros", contou.

Com a vida restrita aos limites de "Estrela", dona Sofia lembra que lá mesmo aprendeu a ler e escrever, com um professor particular, contratado para ensinar os 21 filhos de Manoel Filgueiras. Sem quase nunca deixar a fazenda, dona Sofia só freqüentava os bailes da juventude da época, quando eles eram patrocinados por seu pai. "Tinha muita festa na nossa casa. Eram bailes lindos, com os rapazes vindo a cavalo, todos bonitos e elegan-

tes. Eu gostava muito de ficar olhando para eles", disse.

Mas não foi com nenhum desses rapazes, "lindos e elegantes", que ela se casou. Como era costume na época, os casamentos eram arrumados pelos pais e no caso dela não foi diferente. "Um dia minha mãe chegou perto de mim e disse que ia me casar. Eu falei para ela que não queria, que queria mesmo continuar brincando com minhas bonecas". Mesmo contra sua vontade, dona Sofia foi entregue ao funcionário da Central do Brasil, o português Joaquim da Silva Carvalho, que era viúvo e tinha quatro filhos.

Assustada com a idéia do casamento aos 22 anos, e sonhando mesmo com os rapazes dos bailes, dona Sofia chegou a dizer ao homem, com que iria viver mais de 60 anos, que não gostava dele e que preferiria continuar brincando de bonecas. Sem a companhia do pai, que morreu de desgosto por não conseguir continuar guiando sua lavoura depois da Lei Aurea, ela casou e abandonou a vida da fazenda, indo morar em Três Rios, no Estado do Rio de Janeiro.

Na cidade, dona Sofia e o português tiveram 11 filhos, Izabel, Irã, Iolanda, Iraldina, Luzia, Maria da Glória, Carlos, Mirita, Isaura, Alberto Henrique e André Luiz. Mas, na verdade, os dois formaram uma família, com 17 membros, já que Joaquim da Silva teve quatro filhos do primeiro casamento. "Nós nunca tivemos uma reclamação da mamãe de que ela estava cansada. Ela nunca perdeu a paciência com a gente", comentou Iolanda Filgueiras, a filha do meio, que toma conta da mãe.

Saúde perfeita

Ao completar 100 anos de idade, dona Sofia diz estar se sentindo como uma "moça bonita querendo namorar". Lúcida, sem problemas de saúde (não toma nenhum tipo de medicamento) alimentando-se normalmente, ela nem reclama da cegueira, que atingiu há dez anos atrás. Dona Sofia teve um choque emocional muito



Dona Sofia: "Eu falava com o papai para ele soltar os negros"

grande com a morte de seu neto, Eustáquio, que morava nos Estados Unidos.

Mesmo assim ela não perde o humor, e quer ganhar de presente de aniversário um binóculo "para ver se meu namorado está chegando". Apesar de não enxergar com os olhos, Dona Sofia pode ver o mundo através de seu poder de vidente. Ela conta que uma visão a acompanha diariamente. São as crianças que pulam no seu colo, puxam sua saia e rezam com ela na hora de dormir. "Mamãe pergunta para mim se eu não estou ouvindo a conversa das crianças. Mas infelizmente eu não tenho esse poder que ela possui", afirma a filha Iolanda.

Sempre guiada pela filha, dona Sofia acorda às 9 horas da manhã, toma sol no quintal de sua casa, almo-

ça, ao meio-dia, (ela toma vinho todo dia durante a refeição), faz um descanso de quatro horas à tarde, e escuta a televisão ao lado da filha Iolanda.

O segredo da longevidade, de acordo com dona Sofia, está na paz de espírito, na vivência harmônica com os filhos e, principalmente, não ter medo da morte.

No próximo dia 13, a casa dela e da filha vai estar cheia de parentes e amigos, numa festa especialmente preparada, para comemorar os seus 100 anos de vida. Para isso, a casa foi pintada, um buffet encomendado e convites enviados para todos os filhos, netos, bisnetos e tataranetos. "Já posso ver a festa do meu aniversário. Vai estar todo mundo alegre, reunido no espírito de paz e tranquilidade que sempre procurei manter entre a família".

Artigo

A527

w 0

Neta de escravos é mais velha que a abolição

Nascida livre, mas neta de escravos, Rosa Maria de Jesus presenciou a abolição da escravidão quando tinha 10 anos de idade. Hoje, com 110 anos, e extremamente lúcida, ela lembra dos momentos bons que teve, quando vivia com seus pais, mas não lembra com exatidão da movimentação existente no ano de 1988. Eu era muito pequena, e só queria fazer o que toda criança gosta: brincar.

O avô dela, cujo nome era Maximiano, comprou a sua liberdade, garantindo o mesmo para toda a sua descendência. Rosa Maria nasceu em Riacho de Santana, divisa com Minas Gerais, e casou, apenas na Igreja, como fez questão de frisar, com Vicente José da Silva,

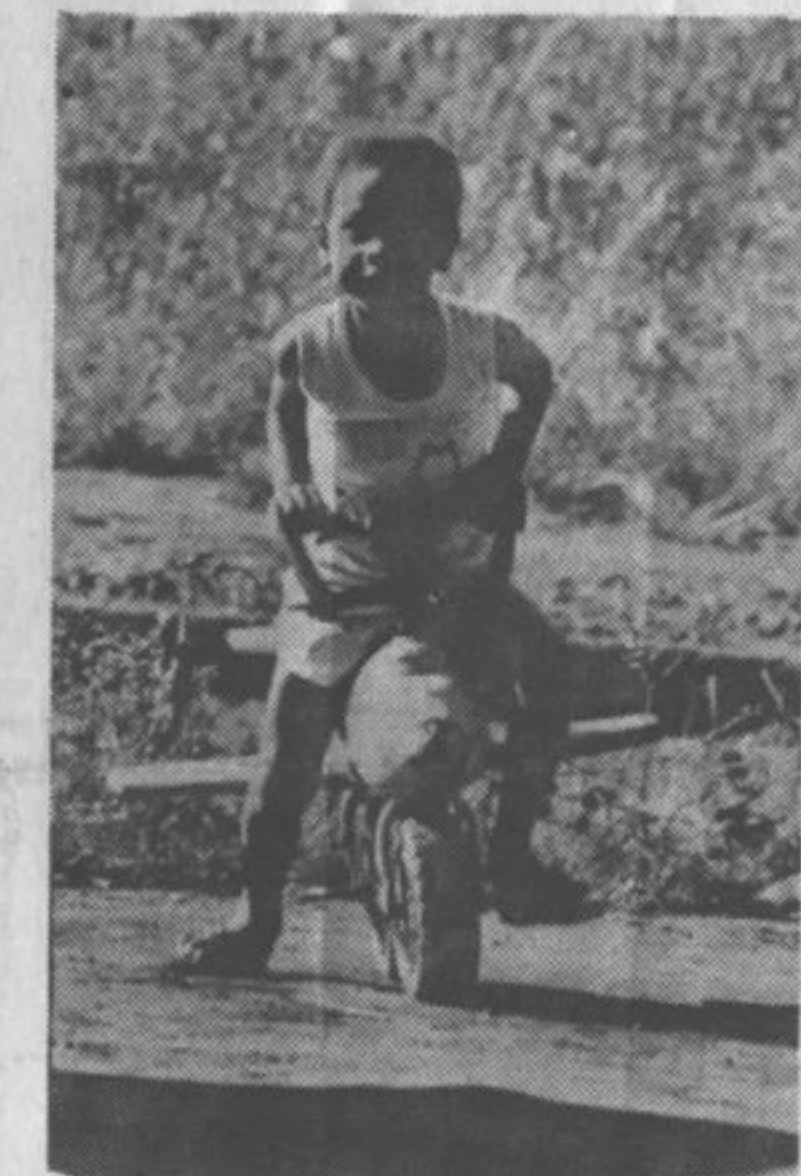
viúvo com 10 filhos, que foram criados por ela.

"Eu gosto de muitas coisas boas, mas nunca nada do que eu gosto esteve no meu alcance", disse ela, afirmando, ainda, que mesmo depois de deixar de ser escravo, o negro está "sempre por baixo". "É difícil a gente ouvir falar de um negro com dinheiro ou muito estudo", declarou.

Uma coisa deixa ela triste, que é o fato de morar numa casa alugada. "Trabalhei muito, mas não tenho, nem um couro para morrer em cima. O que eu queria, mesmo, era achar um lugar para morar. Aqui onde eu moro, pago Cz\$ 4 mil, e quando chove molha tudo", declarou.



Na abolição, Rosa Maria tinha 10 anos e brincava...



... como seu bisneto faz hoje

A578

CENTRO
INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDOS
CONTEMPORÂNEOS

Histórias de netos de escravos

José Maria da Silva e Claudionor Dias são netos de ex-escravos. Os dois vieram da Bahia para o Paraná, há muitos anos atrás e, hoje, vivem no asilo Recanto do Tarumã, que abriga centenas de velhinhos que, como José Maria e Claudionor, a maioria deles também não possui parentes ou família.

José Maria nasceu numa cidadezinha no interior da Bahia, no dia 9 de setembro de 1904 e ainda lembra muito bem das histórias que seu avô e sua avó paternos contavam sobre a



José Maria da Silva.

escravatura no Brasil. "Eles sofreram muito", diz José Maria. Quando seu avô era ainda muito jovem, cansado dos trabalhos pesados e dos maus tratos que recebia de seu senhor, resolveu fugir e se embrenhou no mato. Não demorou muito e ele foi capturado pelos próprios escravos de seu senhorio.

O avô de José Maria contava que apanhou muito, foi amarrado no tronco e lá ficou alguns dias, sem trato e alimentação. Depois desse incidente, José Maria diz que seu avô resolveu se "regenerar". "Ele decidiu virar 'capitão do mato', e ia a mando do senhorio capturar os negros fugitivos". A avó de José Maria também foi escrava. Ele conta que antes dela morrer, chamou-o em seu quarto e lhe contou todo o sofrimento que tinha passado na época que era escrava. "Ela não queria que a gente esquecesse o que foi a escravidão para o povo negro. Todos os ex-escravos tinham muito medo que a escravidão voltasse ao Brasil", disse José Maria.

A história de Claudionor também não é nada diferente. Ele conta que sua avó foi escrava e que andava com uma corrente de ferro amarrada no calcanhar para impedir que fugisse. "Minha avó sofreu muito, até que um dia apareceu no



Claudionor Dias.

povoado onde morava, também no interior da Bahia, um senhor português que, ao vê-la com a corrente amarrada em sua perna, se apiedou-se e decidiu comprá-la e dar-lhe a carta de alforria. Ela era uma mulher muito bonita e eu acho que o rico português acabou se apaixonando por ela", disse. Claudionor nasceu em 5 de maio de 1910 e comentou que vive no asilo há oito anos. "As lembranças das histórias que a minha avó me contava estão muito nítidas na minha mente. Hoje vivo destas lembranças", finalizou.

13.05.1988

A577

w φ

Artigo

CENTRO
INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDOS
CONTEMPORÂNEOS

O ex-escravo conta histórias aos 127 anos

O ex-escravo Raimundo Gomes dos Santos está com a vida agitada: posou para fotos de um cartaz que comemora o Centenário da Abolição, é convidado a participar de solenidades sobre a data e está sempre recebendo visitas em casa, na fazenda Lagoinha, em Presidente Epitácio, onde conta histórias do tempo da escravidão. Lúcido, 127 anos, o velho Raimundo nunca abandona o chapéu — aliás, na região, só é conhecido pelo apelido de Chapéu de Couro.

De manhã, trata dos animais e cuida da pequena lavoura com grande disposição. A receita da longevidade: consumir um quilo de toucinho e feijão, além de dois litros de café, por dia. Chapéu de Couro nasceu na mineira Diadema, em 23 de setembro de 1860, filho de angolanos. "Até 25 anos senti na pele a vergonha da escravidão", diz. A carta de alforria que recebeu na época está guardada até hoje com a filha Encarnação, de 101 anos. Com a liberdade, Raimundo juntou dinheiro e alguns bens, que ele não possui mais: "Essas coisas deixaram de ter importância para mim". Importante para ele agora é contar que viveu bem, casou-se três vezes, teve 14 filhos, muitos netos e bisnetos.

13.05.1988

ARTIGO

A611

wφ

INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS
CONTEMPORÂNEOS

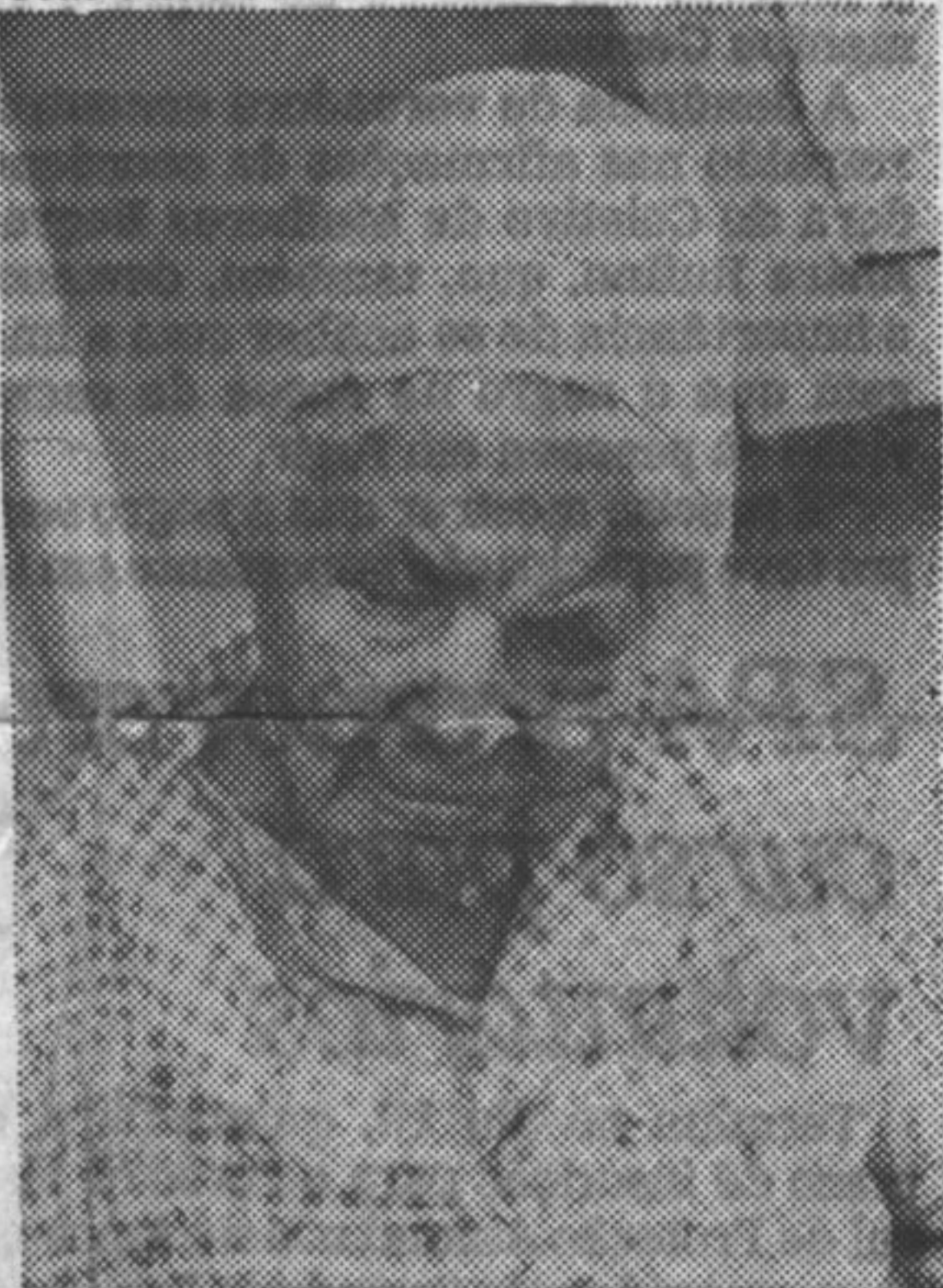
Guilhermina, 100 anos e muita saúde

Guilhermina Andrade é uma mulher que sempre trabalhou: "Plantei muito feijão, arroz, mandioca, milho e trabalhei muito na roça". Talvez seja este o segredo para ela ter conseguido completar, no dia 6 de maio deste ano, 100 anos de vida. Ela nasceu em 1888, ano em que foi assinada a Lei Áurea, casou duas vezes e teve sete filhos.

Ontem, às 17 horas, em pé na porta da casa de número 86, da Rua Projetada B, no Bairro do Catiapoã, em São Vicente, ela respondeu mais rápido do que sua filha caçula, Clarice Silveira, quando questionada sobre os netos: "Tenho 30 bisnetos, 18 netos e um tataraneto". Completamente lúcida, Guilhermina Andrade ouve rádio quase o dia todo. Sua filha lembra que ela se alimenta muito bem: "Gosta muito de frutas e, à noite, antes de dormir, toma um mingau de aveia".

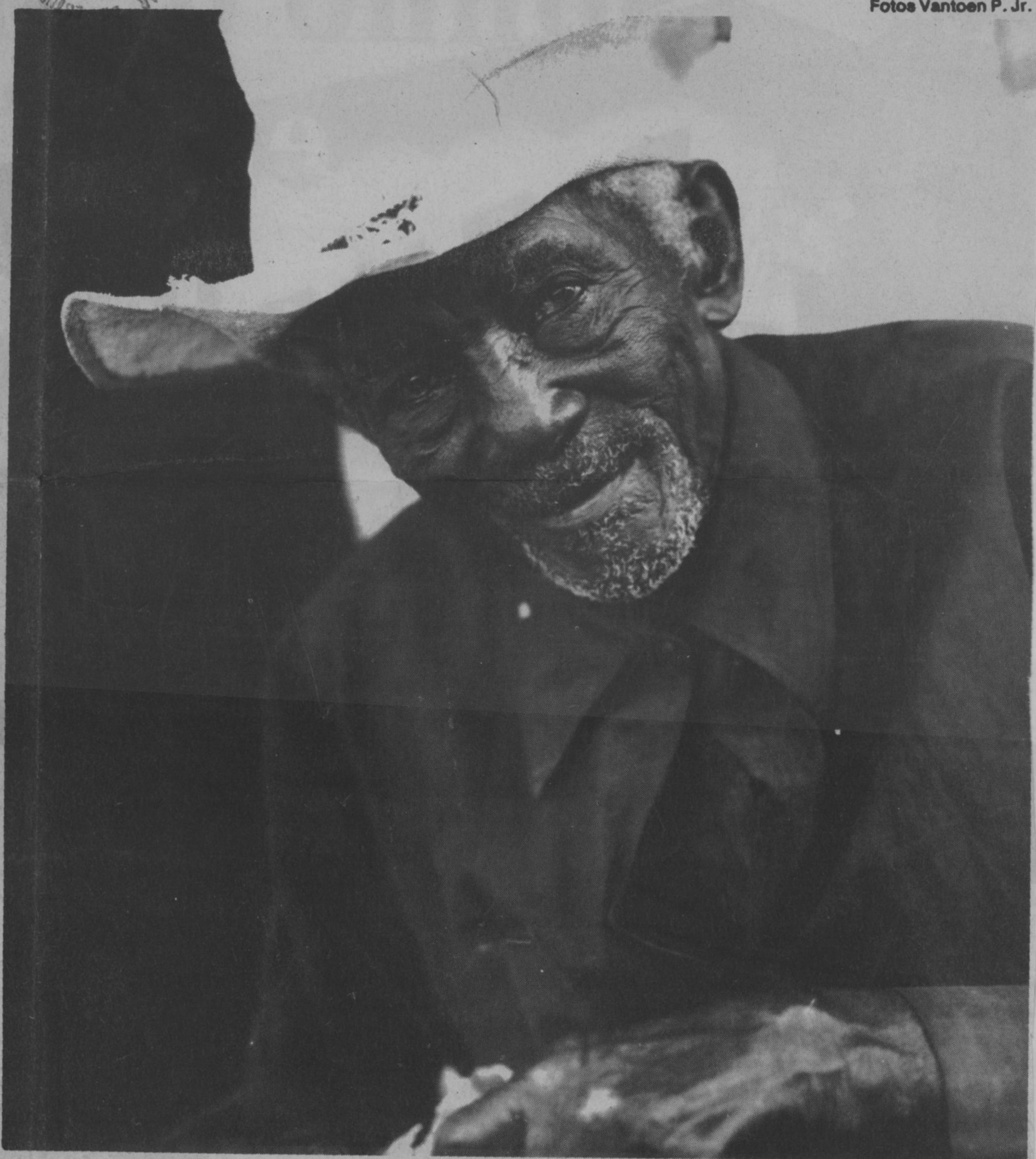
Guilhermina é muito querida pela família e está sempre cercada pelos parentes. Afinal, não é toda família que pode festejar 100 anos bem vividos. Todos lembram que Guilhermina só tem sono perto das 23 horas: "Todos já estamos cansados e ela está acesa". Ela ficou viúva com cinco filhos pequenos e conseguiu sustentá-los trabalhando pesado na roça, na Cidade de Tabapuã, no interior do Estado. Apesar de ter nascido no Rio de Janeiro, Guilhermina passou quase toda sua vida em São Paulo.

João Vieira Júnior



Guilhermina diz que trabalhou muito

Fotos Vantoon P. Jr.



Manoel Deodoro Maciel, ex-escravo, 120 anos, ganha Cz\$ 2 mil mensais de aposentadoria

A liberdade de Seu Manuel

Foi uma festa bonita. Quando a Princesa Isabel deu a libertação, eu vivia em Belo Horizonte, era escravo de uma fazenda de lá. Foi uma festança que durou dois dias inteiros. A gente ficou vadiando no terreiro, era só dança e foguetório, estava uma beleza. Na cidade, a festa também foi animada, mas estava assim de polícia que era para ninguém fazer estrepólia. Depois todo mundo voltou para o trabalho. Todo mundo não. Teve muito preto que abandonou as fazendas. Onde eu estava a maioria do pessoal ficou. O senhorio não era ruim não e e também não tinha mesmo muito lugar para onde ir.

A descrição de Manoel Deodoro Maciel dos acontecimentos do dia 13 de maio de 1888 é clara e detalhada. Ele lembra com espantosa lucidez da ocasião em que passou da condição de escravo para a de cidadão liberto. Dos 20 anos que tinha então aos 120 que tem agora, sentado na pequena varanda da casinha na Fazenda dos Mineiros onde mora, em São Gonçalo, ele recorda como foram estes cem anos de liberdade. Muita coisa mudou - e não necessariamente para melhor, em sua opinião -, mas muita coisa também ficou na mesma.

Com a fala um tanto enrolada pela idade e pela falta de dentes, Seu Manoel já esqueceu dos nomes dos antigos patrões e o da fazenda onde nasceu, nas lembra perfeitamente de como foram seus 20 anos como escravo.

- Lá na fazenda, eu não ia para a roça não. Fazia mandado, catava folha no quintal, cuidava dos arvoredos. A nossa senhoria era fogo, braba, mas não deixava judiar de ninguém, não senhora.

Para ele, a vida daquela época não era muito diferente da que leva hoje em companhia de Antônio Bagunça, o filho de seu grande amigo Olintho. Trabalhava de dia e à noite dormia com os outros escravos solteiros num grande barracão. Aos domingos, podia dançar caxambu em frente à casa-grande. "Mas não tinha liberdade para ir a baile não. Só fui sair da fazenda depois da libertação. Fugir? Nunca pensei nisso, não senhora. O nosso senhorio não era como muitos por ali. O da outra seção ali do lado tinha carrasco. Os escravos que não trabalhavam ou fugiam, ele mandava matar. Era só desobedecer, que morria enforcado com correntes. Depois, o corpo era sangrado e queimado, dentro de um buraco no chão. Jogavam por cima um piche preto que parecia

borracha de caminhão e o escravo pegava fogo, não havia o que apagasse."

Mesmo com a alforria dada pela Lei Aurea, quase toda a escravaria da fazenda mineira de Angra dos Reis permaneceu no local. As alternativas eram poucas e ali, embora o trabalho fosse pago com "uns trocados", os ex-escravos tinham asseguradas casa e comida, como conta Seu Manoel. "Mas na plantação do meu senhorio, todo mundo foi embora, ganhou o mundo, passando a trabalhar um dia aqui, noutro acolá. Ou então chegavam na cidade, mas a vida também era difícil. A polícia sempre parava para perguntar para onde você ia."

Mordido pela curiosidade de conhecer o Rio de Janeiro, que ele tinha ouvido falar que era um lugar muito bonito, o jovem Manoel, então um rapagão forte de 20 anos, arrebanhou a família e deu início à viagem. Trabalhando pelo caminho, ele errou na direção e acabou indo parar no Espírito Santo. Junto a um dinheirinho numa usina de açúcar em São Mateus, voltou a Belo Horizonte, antes de finalmente chegar ao Estado do Rio, mais precisamente a Campos, onde seus pais faleceram.

- Conheço tudo isso aqui como a palma da mão. Campos, Itaperuna, Maricá, pode falar que eu já andei por lá. Teve uma vez que vi o retrato da Princesa Isabel lá em Itaúna e cheguei a chorar. Fiquei mesmo emocionado. Se eu já conhecia ela? Já tinha visto sim quando fui até o palácio levar presentes da minha antiga senhoria. Ela andava com aquelas saias compridas, sempre cercada de empregados. Mas não maltratava nenhum. Tanto era boa que aproveitou quando o pai dela foi para a Europa e assinou a lei.

Bom como a princesa, na opinião de Seu Manoel, só mesmo Getúlio, que também assinou "a lei do Funrural", a aposentadoria com que se mantém hoje em dia, de magros Cz\$ 2.000. "Mas esse aí que está casado com a neta dele não é não." Ele reclama da pensão que não dá para ele comprar os remédios que precisa para atenuar o reumatismo que o atormenta com a mudança de temperatura e, agasalhado numa jaqueta de nylon azul-marinho, mostra o joelho inchado que o tem impedido de sair para bater papo na porta do bar ali perto, ou de acompanhar Bagunça até a roça de aipim que mantém.

- O que eu acho que melhorou pros negros hoje é que na época de

escravo ninguém podia estudar. Agora pode. No resto não melhorou muito não. Pra gente que é pobre, a vida está muito difícil. Você hoje vai ali na venda, é um preço. Amanhã vai comprar a mesma coisa, e o preço é outro. Mas a funrural não aumenta não. Parece que para o mês vai vir um aumentozinho, porque como está não dá. Se eu soubessa ler ia era escrever um jornal, contando tudo isso.

Da vida difícil que levou todos estes anos, seja trabalhando em plantação de milho, na apanha de café, em usina de açúcar ou na beira do rio, o ex-escravo acha que as coisas estão piores. "Do Getúlio para cá, tudo mudou muito pra pior. O governo desse moço de bigode não é bom, não." Atento a tudo o que acontece a sua volta, o único governante a merecer elogios de Seu Manuel depois do período Vargas é o ex-governador Leonel Brizola: "Você não viu as escolas que ele construiu por aqui? Tem uma porção de Brizolão para as crianças poderem estudar." No resto, ele enumera os problemas atuais:

- Hoje em dia, o povo come comida congelada, bebe água que não presta, fica doente à toa - afirma, enquanto se gaba da boa saúde, que continua mantendo, apesar do reumatismo. Afirma que ainda consegue enfiar agulha e que não precisa de óculos para enxergar nada, debitando sua longevidade à boa alimentação em criança. "Fui escravo, mas fui bem criado, graças a Deus."

Casar, ele nunca casou, mas conta que teve muitas namoradas, embora nunca tenha tido filhos com nenhuma delas. "Casar sem conhecer o marido ou a esposa é casar enganado, depois não dá certo." Mesmo assim, ele ainda gosta de ver passar as moças bonitas e diz que gostaria de voltar a namorar. Com a certidão de nascimento muito bem dobrada dentro de uma bolsa - atestando que veio à luz em 8 de janeiro de 1868 - ele comemorou seu último aniversário com muita festa e revela estar esperando pelo próximo. Medo de morrer ele não tem. Pensa na morte como um sono profundo, do qual não se acorda, e nada mais.

E aproveita a notoriedade que ganhou com a idade, das muitas pessoas que o visitam para conversar. Do convite para uma homenagem numa sessão especial do Congresso no dia 13 de maio à participação no filme de Zózimo Bulbul, ele sempre se mostra entusiasmado: "Se vierem me buscar, eu vou."

Boeing VASP 737-300, o mais moderno do mundo.

EV.

2370

CO-TEMPORÂNEO

159

INTEROCCUPAÇÃO



Gilberto Gonçalves

Ela não tem muita certeza de sua idade, mas aos 98 anos, Marcolina Vieira carrega consigo o orgulho de ser filha de um escravo

100 anos de liberdade contestada

Nos 100 anos da Abolição da Escravatura, os negros brasileiros denunciam a falta de liberdade e desmistificam a chamada *democracia racial*. Representando 70% da população do país, eles se destacam nas atividades da construção civil, serviços domésticos e subempregos, e mais de 60% recebem uma renda mensal igual ou até um salário mínimo. Santa Catarina tem 12% de sua população composta por negros e os movimentos de resgate à cultura afro-brasileira afirmam que há discriminação racial do governo do estado. Uma comunidade instalada a 60 quilômetros da capital, preserva o que ainda restou. Páginas 13, 14 e 15

EV. 2182

VASP - 1937-1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS
CONTEMPORÂNEOS
CENTRO
476

Maninho tem festa pelos seus 100 anos



Octaviano de Castro

São Gonçalo (Sucursal) — “Meus pais só não foram escravos porque eram brancos. Eu, porque além de ser branco nasci um dia antes da abolição da escravidão”. Com esta frase Octaviano Rodrigues de Castro, o **Maninho Guilherme**, de 100 anos, fez a distinção entre os grandes fazendeiros e aqueles brancos que não possuem riquezas e que trabalhavam como colonos antes da Princesa Isabel ter extinto a escravidão no Brasil.

Um pouco surdo e com problemas de vista, em consequência de catarata, Octaviano de Castro mostrou no entanto, uma lucidez invejável. Nascido em Rio Bonito e residente há sete anos na Rua Saldanha Marinho, 254, em Neves, São Gonçalo, ele conta que teve com sua esposa, Nair Gomes Marcelo, que morreu há sete anos com 85 anos, 10 filhos, tendo criado mais três. Em solteiro, “porém, andei dando meus passeios e, ao certo, não sei o número de filhos que tive, mas foram mais do que três”.

Vivendo hoje com a filha Cristina de Castro Lopes, tendo 46 netos, 20 bisnetos e um tetraneito, **Maninho** conta que seus pais — Guilherme Rodrigues da Cruz Coutinho e Joaquina Maria da Conceição — nada tinham. A única herança que seus avôs deixaram foram três escravos, que eles tratavam como “gente da família”. Por serem brancos, eles continuaram nas terras habitadas por seus avôs, trabalhando duro na lavoura para pagar ao senhor a área que usavam. “Minha mãe

sempre me contou que os negros apanhavam muito. Eram acorrentados no tronco quando se revoltassem e ali, presos, recebiam chicotadas. Ainda me lembro, quando depois de crescido, de assistir a festa dos negros para comemorar a abolição. Era muita bebida e os fazendeiros, para se mostrarem simpáticos, colaboravam com a comida. Nesse dia ninguém trabalhava”, lembra **Maninho Guilherme**, que tem este apelido por tratar seus irmãos de maninho e as pessoas, para indentificá-lo, como filho de Guilherme.

Até os 16 anos **Meninho** trabalhou como caxeiro, vendendo açúcar e carne seca. Quando o pai morreu ele, que havia saído de casa aos 10 anos, retornou para ficar com a mãe e tomar conta dos cinco irmãos. Voltou então à lavoura, tratando a terra da família Muniz, ainda em Rio Bonito. Aos 33 anos casou-se e continuou na lavoura, sendo que nas horas vagas vendia galinha, cortava lenha e, à noite, ainda arranjava tempo para caçar paca. Tudo isso ele fez até os 70 anos.

Hoje, recebendo a metade de um salário do Funrural e sem esquecer as velhas lembranças, **Maninho**, pela primeira vez, vai ter uma festa de aniversário. Seus filhos, netos, bisnetos e o tetraneito, além de amigos e convidados, se reunirão no Clube Náutico Gonçalense, onde haverá um culto ecumênico, bolo e bebidas, para comemorar a data que, por ele, não seria festejada, “porque eu nunca tive isso”.

VASP - 1933 - 1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS
CENTRO DE ESTUDOS
CONTÁBIL

DONA SÍLVIA, 114 ANOS

Ser livre é dom divino!



Sílvia foi beneficiada com a "Lei do Ventre Livre"

Evelina Câmara

No ano em que a abolição legal do trabalho escravo no Brasil completa seu centenário, Sílvia Maria dos Santos, ou simplesmente Dona Sílvia, negra nascida rua do Ouvidor, Rio de Janeiro, comemora o seu 114º aniversário lembrando da felicidade que além de ser mãe, o maior dom divino é ser livre.

Apesar de gozarem de cem anos de liberdade, os negros, ainda, hoje, são marginalizados pela sociedade, sendo tratados como uma raça inferior a dos brancos. Dona Sílvia dá graças a Deus de não ter sido escrava, pois mesmo nascido 14 anos antes da abolição da escravatura no Brasil, foi beneficiada com a Lei do Ventre Livre assinada três anos antes de seu nascimento, ou seja, 1871. Além disso veio para Manaus com nove anos de idade, onde a maioria dos escravos já possuíam suas cartas de alforrias e de um grupo de donas de casa, o trabalho escravo era completamente extinto na Província do Amazonas.

"Nasci no dia 29 de abril de 1874, às 23 horas. Às cinco horas da manhã, minha mãe fugiu comigo para a casa dos meus avós. Com nove anos de idade, meu pai que trabalhava com embarcações, resolveu nos trazer para Manaus e desde essa época vivo nessa cidade que me acolheu de braços abertos e onde o negro não era tratado como uma propriedade".

Mãe de três filhos, quatro netos e 21 bisnetos, Dona Sílvia é uma mulher forte, sadia e com ótima memória. "Cheguei aqui na época dos réis. A cidade era muito bonita. Fui morar primeiramente na Cachoeirinha, onde estudei até o terceiro livro na escolinha de Dona Sinhá Petisco, que ficava próxima a Igreja do Pobre Diabo.

Gostava, como toda menina, de brincar de boneca e de cozinhar,

mas minha infância durou pouco pois logo tive que trabalhar para ajudar minha mãe, que era lavadeira. Passei então a morar com uma senhora chamada Maria Ferreira dos Santos onde vivi grande parte de minha adolescência. Depois da Cachoeirinha morei na Matinha, Visconde de Porto Alegre, Constantino Nery e em São Jorge, onde estou até hoje".

Muito namoradeira, Dona Sílvia confessa não ter se casado, mas ter tido muitos namorados.

"Trabalhei quando moça, nas Padarias Pátria, Modelo e Palmeiras, na Caio Valadares, em casas de família e em muitos outros locais. Nessa época tive bastante namorados, mas do que mais gostei foi de um português chamado Antônio, que trabalhava comigo na Padaria Pátria. Ele era muito bonito e galanteador, mas não deu certo porque ele queria casar comigo e eu não, pois era muito nova e tinha que aproveitar o máximo a minha juventude. Gostava de dançar em clubes, como o Elterpe no Seringal Mirim e em batuques como o do Antônio Lobão, também no Seringal Mirim. Sempre fui muito agitada e grande foliã. Saí em escolas de samba, no grupo das lavadeiras e das baianas. Nunca ficava parada e essa atividade, graças a Deus trago comigo até hoje".

Sobre sua infância Dona Sílvia diz lembrar muito, principalmente, os tempos em que viveu no Rio de Janeiro, de onde sente muitas saudades e tem vontade de rever. "Lembro muito bem de onde vivia, inclusive, tinha uma ama chamada carinhosamente de Bico que muitas vezes lhe preguei sustos enormes. Uma cena que ficou gravada em minha memória foi quando a Bico me levou junto com ela para lavar roupa na beira do rio. Como era muito pequena e danada cabeia caindo no rio e quase me afoguei deixando minha ama desesperada".

Futebol e música eram as duas grandes paixões de dona Sílvia

que se dizia torcedora do time da matinha, o "Onze Unidos", cujo presidente era José Dias e seu jogador predileto João Isidoro. Era fã do cantor Vicente Celestino e atualmente gosta das músicas do Abílio Farias.

O dom de curar — Depois de ter trabalhado dezenas de anos para sustentar sua família, Dona Sílvia passou a se dedicar a rezar em pessoas necessitadas. Todos reconheciam que a velha senhora tinha o dom de curar mal-olhado, ventre caído, peito aberto, quebrando entre outras coisas que geralmente atacam com maior frequência as crianças recém-nascidas. Com suas rezas, plantas e massagens, Dona Sílvia curou e ajudou muitas pessoas que frequentemente lhe procuravam em busca de socorro. Mas com o passar dos anos, devido a idade, a velha senhora acabou perdendo a visão e deixou de praticar o bom ato que passou grande parte de sua terceira idade realizando.

Hoje, Dona Sílvia vive com a nora, Esmeralda Pereira dos Santos, e o seu maior sonho é ter sua casinha, que lhe foi prometida pelo governador Amazonino Mendes, que segundo ela é um homem trabalhador e que luta pelos interesses do povo. "Rezava todas as noites para que o nosso querido governador se lembrasse da promessa que me fez. Graças a Deus, através de uma reportagem que saiu neste jornal, o governador ficou sensibilizado com a minha situação e resolveu me ajudar, comprando a casa dos meus sonhos".

Dona Esmeralda dos Santos, nora de Dona Sílvia, explica que a casa que a velha senhora sempre desejou já foi comprada pelo assessor do governador, Gilberto Ramos. "Como o dono da casa ainda está procurando um lugar para ele ficar, demos um prazo a ele de trinta dias. Estamos esperando que tudo seja regularizado e talvez no próximo mês possamos estar morando na nova casa".

Gilberto Ramos, assessor do governador Amazonino Mendes informou que a casa comprada recentemente foi escolhida pela Dona Sílvia e está localizada no bairro de São Jorge. "A casa é de alvenaria e possui três quartos. No momento estamos tratando da papelada para regularizar a casa no nome de Dona Sílvia. Além disso o vendedor da casa pediu um prazo para se mudar e talvez no próximo mês a velha senhora já possa estar morando na sua própria casa. O governador Amazonino Mendes não esqueceu a sua promessa o que prova que ele é um homem de palavra".

VEN — Voo Econômico Noturno da VASP com 30% de desconto.

EU.401

INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS
443
CENTRO DE ANÁLISES

Maria festeja seu centenário e o da Abolição



D. Maria teve um dia muito movimentado



Todo o abrigo reuniu-se para a homenagem



Os presentes e lembranças, na dupla festa

Maria Amélia Gomes da Silva teve ontem dois grandes motivos para estar muito feliz: completou 100 anos de idade e comemorou o Centenário da Abolição. Para marcar as datas, um lauto almoço com as amigas no Abrigo Imaculada Conceição, no Guadalupe, uma Missa em Ação de Graça, na igreja do Bonfim, também em Olinda, às 17 horas, e o tradicional "parabéns pra você", à noite, com tudo que sempre teve direito. Foi realmente um dia de festas para ela.

Filha de negros escravos, sua avó foi empregada da princesa Isabel e o pai, José Gomes, trabalhou para o Barão de Suassuna, Amélia diz que nasceu às 15 horas do dia 13 de maio, em Salvador, no dia em que a princesa Isabel assinou a Lei da Abolição da Escravatura. Ainda adolescente, veio para Recife trazida pela tia Luiza Gomes e, apesar das tentativas de fazerem-na aprender a ler e escrever, o que ela gostava mesmo era de "cortar as letras da Carta de ABC e comê-las. Isto quer dizer que a leitura ficou na minha cuca. Por isso falo muita coisa" — disse a aniversariante.

VITALIDADE

Amélia Gomes, não parece ter 100 anos. De vestido azul e branco, com colares no pescoço, do alto da sua vitalidade, diz claramente que adora um forró, não dispensa um baile de Carnaval e não perde uma comemoração natalina, todas festas realizadas nas respec-

tivas épocas, pela Legião Brasileira de Assistência, da qual faz parte. Para homenageá-la, o pessoal da LBA não deixou a data aniversária passar em branco e, na tarde de anteontem, brindou o centenário da sua beneficiária. Num cartão guardado com muito carinho, e posto em cima da mesa juntamente com outros presentes que ganhara, ela mostrou para os repórteres a dedicatória das amigas, onde se lê... "Amélia é vida pulsando. 100 anos. Um Século e tantas amizades. Liberdade. Amizade, a verdade da vida vivida há 100 anos. 100 anos de emoção. Com o carinho dos servidores da LBA"... "É uma prova de que todo mundo gosta de mim" — lembra convicta.

A baiana centenária conta histórias engraçadas envolvendo seus parentes, mas lembra que somente a partir dos 10 anos é que interessou em saber como era antigamente. Disse, por exemplo, que certa vez seu pai contou-lhe uma passagem de sua vida quando, amarrado em um tronco, pedira água a uma escrava amiga e, ao ver a empregada com a caneca na mão, o Barão de Suassuna tomou-lhe e jogou "tudo no chão. Foi uma malvadeza mas ele não podia dizer nada". Com relação à avó, que trabalhava no "palacete da princesa, a coisa já era melhor. Tanto acho que, por pena dos pobres negros, ela escreveu e assinou o papel libertando todo mundo. Eu graças a

Deus nasci justamente neste dia".

DATA HISTÓRICA

— Hoje para mim é uma data histórica — disse Amélia, completando com uma segura declaração: "solteirona, nunca tive homem perto de mim. Acho que é por isso que tenho muita saúde e disposição para tudo. Ando Olinda toda, caminho por todas as ruas do Recife e nada me acontece. É que muita coisa do meu tempo não se vê mais. Esse cruzado, por exemplo, quando disseram que ia voltar a valer, pensei que viesse a ser igual ao do meu tempo de menina, quando a gente comprava coisa que não acabava mais. E veja aí pra que ele veio. Tudo ficou mais caro e sem valor".

Embora sabendo da impossibilidade, Amélia disse ontem que gostaria muito de ter seus pais ao lado, para reforçar a comemoração. "Mas Deus não quis", disse resignada. "o que posso fazer? Para as minhas amigas só desejo saúde, paz e tranquilidade. Para os outros, digo apenas que não se impressionem com o que vem acontecendo por aí. Não coloquem a culpa pelas coisas ruins no mundo. A devassidão é algo novo. As doenças que os médicos dizem não ter cura, podem ser evitadas, porque tudo é para movimentar as farmácias, é questão de dinheiro, saída de remédios. Eu sou católica e pratico minha religião. Para se ter uma idéia, também conheci doenças ruins, como febre braba

batizada de "Espanhola". Ninguém morreu e a prova é que estou aqui. O negócio é ter muita fé". Minha irmã gêmea se chamava Amélia Maria e teve mais dois irmãos: Severino e Antônio. Todos morreram e eu estou aqui contando histórias".

ABRIGO

Maria Amélia não se lembra quando chegou no abrigo, que tem capacidade para 24 velhinhas mas no momento acolhe apenas 16. A instituição é mantida pela Associação das Senhoras da Comunidade de São Vicente de Paula, teve suas obras iniciadas em 20 de janeiro de 1959 e concluídas no dia oito de dezembro de 1963, data em que se comemora o Dia de Nossa Senhora da Conceição.

Apesar de todas as atenções estarem voltadas para Amélia, outra velhinha — Severina Gomes de Souza — carinhosamente chamada de "Nenem", também completou 100 anos. Dizendo-se "moça donzela, pois continuo do jeito que saí da barriga da minha mãe", comentou não saber exatamente a data do seu nascimento. "Só lembro que foi em maio e que minha mãe e meu pai contavam que vim ao mundo no dia em que a princesa Isabel assinou o documento da Abolição. Mas eu não ligo para essas coisas não. Aqui é bom, tenho minhas amigas e ficarei até no dia em que o pessoal quiser. Agora, que tenho 100 anos, isso não posso negar".

*7 JUN 1988

VASP - 1933-1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

Artigo

INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS
CONTEMPORÂNEOS
CENTRO

Filha de feitor de escravos completa 100 nos em Teresina

Filha de feitor de escravos, dona Germana Pereira de Sousa, residente na Rua Riachuelo, 638, comemorou em maio último não apenas mais um aniversário, e sim um século de existência, coincidindo exatamente com o centenário da Abolição. Ainda lúcida, caminhando e cuidando dos seus ani-

mais de estimação, ela se lembra de muita coisa da história de Teresina.

Dona Germana é viúva de Firmino Pereira de Sousa, que foi conhecido por "Mestre Firmino", marceneiro e pescador nas horas vagas, dono de várias canoas de aluguel no rio Parnaíba até 1964, quando

morreu com mais de 70 anos.

Conversar com dona Germana sobre as coisas de "antigamente" é fazer uma viagem pelo passado. É lembrar a antiga usina elétrica (hoje Cepisa) e a velha Oiticica, antiga fábrica que existia no local da Praça Da Costa e Silva.

Se não fossem dores pelo corpo, que sofre de vez em quando, dona Germana poderia dizer que mesmo com cem anos de idade, estaria vendendo saúde. O seu tetraneto mais velho tem nove anos. Seu nome é Maurício de Pádua Leão e Silva, filho do jornalista Antônio de Pádua.

VASP - 1933 - 1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

INTERDISCIPLINAR DE LETRAS
2476
CENTRO DE ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS

Eu. 2001

Homem mais velho tem 113 anos

A reportagem do "CORREIO DO BRASIL", descobriu em Goiânia, na Vila Santa Helena, o homem mais velho do Brasil e ainda perfeitamente lúcido, saudável e que possui a serenidade de um beneditino para conversar sobre qualquer assunto, desde política a religião. Trata-se de Ozório Francisco de Paula, ex-escravo no município de Bela Vista de Goiás e que nasceu no dia 10 de julho de 1875. Quando a princesa Izabel assinou a Lei Áurea, o pequeno Ozório contava 13 anos de idade e trabalhava na Fazenda Bom Jardim, de propriedade de Lázaro de Lima e Antonia Faleiros.

Contou Ozório à reportagem, que seus pais também moravam na mesma fazenda e que os "senhores" proprietários tinham um carinho muito especial para com os escravos e esses não eram castigados, vivendo em perfeita harmonia.

Com relação à sua vida, Ozório Francisco de Paula disse que ela sempre foi pautada pela moderação e respeito para com



Com 113 anos, "seu" Ozório já foi escravo

os outros e sua própria pessoa. Não possui qualquer vício, nunca tomou pinga, se alimentava normalmente e gosta muito de uma peixada, principalmente seguida de um bom vinho. "Seu" Ozório, como é chamado pelos amigos e "vô", pelos íntimos, é um católico praticamente, chegando a rezar todos os dias,

um "terço" completo. "Não me levanto da cama sem fazer a minha oração. Os homens de um modo geral, devem ficar sempre próximos de Deus. Só assim eles, conseguem a paz interior. Nesse estado de espírito, a humanidade deve caminhar" - disse "seu" Ozório ao falar de sua fé. Depois de fazer sua oração, "seu"

Ozório vai para a cozinha, por volta das 06h00, acende o fogo no fogão caipira, onde se aquece todas as manhãs. "Se minhas filhas não colocaram lenha ao meu alcance, sou bem capaz de queimar as ripas da cama", pilheriou "seu" Ozório ao falar de seus costumes.

Sobre política, ele disse não ter preferência para qualquer candidato. Explicou que desde que ele seja honesto, tem seu apoio. Disse que já elegeu muitos vereadores em Goiânia, pedindo votos em seu Setor Campinas e Vila Santa Helena. O ancião, de 113 anos de idade, ainda percorre longas ruas, visitando amigos e sempre andou descalço, dizendo ser mais cômodo. Ele mora atualmente com uma das filhas e não sabe exatamente quantos netos e bisnetos possui. Foi casado por muito tempo e tem 4 filhos ainda vivos que preferiram ficar no anonimato, deixando apenas o pai atender a imprensa.

Sobre o racismo que os negros sofreram e sofrem ao longo de nossa história, o velho escravo

disse que compete a quem se sentir prejudicado, buscar seus direitos e que a discriminação, não é só contra os negros mas a própria sociedade de um modo geral, se autodiscrimina, pois não busca seus próprios valores, como humanos".

PODERES

Deixando de lado sua filosofia, "seu" Ozório quis falar de seu misticismo. "Sou benzedor, e agradeço a Deus por ter me confiado fé para ajudar as pessoas a saírem de angustias diversas". Sobre esse detalhe, suas filhas disseram que o pai, "é geralmente procurado até por madames que vão ao setor, levar seus filhos para a cura de doenças como quebranto, vento-virado, Espinhela caída e mal-olhado".

"Seu" Ozório disse também que conhece várias rezas que são capazes de espantar até cobras. Constantemente, ele é procurado por fazendeiros, e muitos garantem que os resultados são positivos.

Boa alimentação fez "Bá" chegar ao centenário

Com uma lucidez e memória incríveis para os seus 100 anos, completados ontem, Maria Brasilina dos Santos, conhecida como "Bá", diz que o segredo para esta longa vida tem muito a ver com uma boa alimentação desde a infância. Natural de Santo Estêvão, "Bá" se criou comendo pão de leite, escaldado de siri, de ostra, tainha e peixe, muita moqueca de peixe e mariscos e bebendo leite de cabra.

Mesmo depois de vir para Salvador (ela não sabe precisar com exatidão a data, mas lembra que foi entre oito e nove anos), Maria Brasilina conta que era tudo fartura, as pessoas se alimentavam muito bem. Recordou que no Largo Dois de Julho, havia um local chamado de "cocheiro", onde as pessoas iam pegar leite. Como morava com uma família na Piedade, cabia a ela, todos os dias, ir buscar o leite. Mas a saudade maior de "Bá" está em Santo Estêvão, pois ela recorda das brincadeiras de bonecas, que na época eram de pano, das comidinhas de mentirinha que fazia com outras meninas e das cantigas de roda. Sobre isto ela afirma "hoje em dia as meninas não querem mais saber dessas brincadeiras porque já pensam desde cedo em namorar".

Na época em que residiu em Santo Estêvão, sua mãe foi cozinheira de Luiz Viana (pai de Luiz Viana Filho), e ela se emociona quando conta que ganhou dele uma boneca diferente das de pano. "A gente apertava a barriga dela e ela chorava", recordou, dizendo acreditar que tenha sido de outro país. Considera a boneca como um dos presentes mais lindos que ganhou e lamenta: "Eu devia ter guardado aquela boneca...". Outra lembrança suave que povoa o pensamento de Maria Brasilina é a da sua professora Etelvina, que a ensinou até "o segundo livro".

A era da tecnologia em nada impressiona "Bá", porque ela não gosta de televisão, que só assiste quando tem música. Disto ela gosta muito. Aliás, quando veio para Salvador, na casa onde morava havia três pianos, porque o dono era pianista. Ainda com saudade, recorda dos carnavais nos clubes "Fantoches da Euterpe" e "Cruz Vermelha". Acrescentou: "Durante o Carnaval, a gente ficava na janela da casa da Piedade, olhando quando os rapazes atiravam confetes e lança-perfumes nas moças".

Maria Brasilina dos Santos, a "Bá", não tem família, seus seis irmãos são falecidos e não sabe o paradeiro de outros parentes. Nunca se casou. Conta que o único noivo que teve foi Tito Bispo dos Reis, "que morreu logo após a gente colocar a aliança, no dia de Santo Antônio, quando eu ainda era nova", lamentou. Hoje ela vive no abrigo de velhos "Casa de Emanuel", tendo uma única amiga fora do abrigo, Dirley Mariano Negredo Mendonça, que a conhece há 20 anos e afirmou sentir "um carinho especial por Bá".



Maria Brasilina, a "Bá"

A858
eu φ

Anaí

Foto: Rejane Carneiro

INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS

Comemoração especial

FOTO FERNANDO AMORIM

Filha de escravos e com lucidez de dar inveja a qualquer jovem de 20 anos, Maria Patrocínia da Conceição tem todos os motivos possíveis para comemorar o dia oito de dezembro. Hoje, ela festeja, junto com sua pequena família e inúmeros amigos, um centenário de existência. Na programação especial, a aniversariante da Travessa Monte Pio, número 41, em São Caetano, comparece à Igreja do Bonfim, onde às 7 horas, será celebrada uma missa em sua homenagem. Depois, os festejos se transferem para a residência de Patrocínia, com bolo, salgados, doces, churrasco e tudo a que tem direito na data.

Adepta do candomblé e com uma fé — que para muitos chega ser obsessão — em Nosso Senhor do Bonfim, a ex-vendedora de acaçá, que saiu aos 14 anos de Freguesia do Monte, uma cidadezinha perto de Santo Amaro, tem muitas lembranças boas das experiências passadas nos seus dez anos. Para Maria Patrocínia, a maior alegria é participar dos festejos do Senhor do Bonfim, em janeiro. Com alegria e orgulhosa, ela garante que, desde que chegou a Salvador, nunca deixou de comparecer aos mesmos. Sobre a maior tristeza nesses seus 100 anos, ela relembra as mortes do marido e do filho. Não sabe a quanto tempo, mas garante que já se passaram muitos anos.

Mãe de 21 filhos, sendo que se criaram apenas cinco e, destes, somente dona Maria Jovelina ficou, com 63 anos de idade, fi-



Maria Patrocínia

cou para lhe fazer companhia, ela diz que "os outros morreram porque Deus quis, pois estavam sadios". Hoje, ela, ao lado do genro, da filha, de dois netos e dois bisnetos, encontra o aconchego necessário para desfrutar o tempo de vida que lhe resta. "Não tenho medo da morte, nunca tive, e acho que já vivi o bastante, mas se é vontade de Nosso Senhor me deixar por aqui, vou ficando até ele mudar de idéia" brincou a anciã, que tem por hábito comer apenas arroz e caldo de feijão, dispensando qualquer tipo de carne, mas acordando cedo, "pois sempre foi assim". Depois da missa, que Maria Patrocínia vai assistir vestida a rigor, toda de branco, ela receberá aqueles que preencheram sua vida, nesse longo tempo de existência.

Mulher de 100 anos ensina otimismo

EDUARDA UZÊDA
Reportagem Geral

Chegar aos 100 anos não é para qualquer um, ainda mais quando se teve uma existência sofrida, marcada por dificuldades financeiras. Completar essa idade com lucidez é quase um milagre. Um verdadeiro sonho de fadas quando a passagem desta data é comemorada junto da família e não em um asilo ou um abrigo de idosos. Ainda que a saudade de pessoas queridas, já mortas, insista em banhar de lágrimas os olhos e apagar, por alguns instantes, o sorriso, D. Maria Patrocínia da Conceição pretende comemorar o seu centenário no próximo dia 8 de dezembro com alegria. "Tenho esperança de que dias melhores virão", afirma, deixando uma mensagem de otimismo para a nova geração.

Quando a Lei Áurea — a que deu liberdade a todos os escravos — foi promulgada em 13 de maio de 1988 e o Império perdeu o apoio da aristocracia escravagista, D. Maria Patrocínia da Conceição era um bebê de 2 meses. Seus avós foram trazidos da África para trabalhar no Brasil como escravos e seus pais, escravos brasileiros, passaram a maior parte de suas vidas trabalhando para o engenho do senhor Augusto Viana, no município baiano de Monte Recôncavo (antes conhecido como Freguesia do Monte). Com a abolição, muitos negros foram para as cidades, trocando as senzalas por miseráveis favelas. Sem conseguir emprego ficaram marginalizados. E a marginalização econômica gerou a marginalização social e intelectual do negro.

MISSÃO

Os que ficaram na roça, como Filício Manoel do Nascimento e Teodora Maria da Conceição — pais de Maria Patrocínia —, passaram a viver da lavoura de subsistência. Foi neste ambiente que Maria Patrocínia da Conceição nasceu. Relata que unha comadre de sua mãe previu que ela iria ser uma Yalorixá — mãe-de-santo — e que tinha uma cabeça muito grande "ficava o tempo todo deitada por causa do peso. Não conseguia levantar. Os meus irmãos mais velhos eram encarregados de tomar conta de mim. Enquanto meus pais ficavam na roça, eles me deitavam em uma rede e

ficavam de olho nos porcos para que não me causassem mal", salienta.

De acordo com D. Maria Patrocínia, com três anos teve o primeiro contato com o candomblé. Ficou boa, mas em contrapartida seus pais ficaram sabendo que a menina teria uma missão a qual não poderia se furtar: formar filhas-de-santo. Muitos anos mais tarde, apesar da perseguição policial ao culto, Maria Patrocínia montou um terreiro na Goméia, em São Caetano, cumprindo a previsão feita pela comadre de sua mãe. Em se tratando de comadre, ela conta que iria se chamar Maria da Conceição porque nasceu no dia da santa. A madrinha, entretanto acrescentou o nome de Patrocínia numa auto-homenagem. A mãe ficou "tiririca".

Se a infância teve alguns problemas, a adolescência de Maria Patrocínia da Conceição também não foi um mar-de-rosas. "Era muito inquieta, queria aprender a coser e a ler", afirma. Uma família abastada que morava em Salvador prometeu a então jovem de 14 anos que seus dois maiores desejos seriam realizados. Cheia de esperança, veio morar no luxuoso bairro de Santo Antônio Além do Carmo, "onde as mulheres andavam de roupas de seda e jóias", para exercer a função de empregada doméstica. Seu pai veio morar no bairro do Pilar com a família, exercendo o ofício de vendedor de água de chafariz. Quando soube que Maria Patrocínia era maltratada retirou-a do emprego e levou a filha para morar com a família.

BEIJO, NEM PENSAR

Com 15 anos, casa com Bertolino Galdino dos Santos, então mestre de oficina. Ela não contém as lágrimas ao recordar do companheiro com quem conviveu por 50 anos. Sua memória passa pela antiga Bahia, nos tempos do bonde. O namoro, como todos da época, sofria severa vigilância dos pais. Beijo, nem pensar. Só no dia do casamento" e era um beijo respeitoso, não essa pouca vergonha que se vê nos dias de hoje". Maria Patrocínia é instigada a falar sobre o assunto. Se inflama: "É uma falta de respeito total. Não concordo. As mulheres ficam andando nuas,



Sem papas na língua e gesticulando muito, Dona Patrocínia fez uma revelação surpreendente: "No tempo da escravidão, era melhor. Havia fartura"...

quazinhas na frente dos homens".

Da união, gera 21 filhos. Somente cinco conseguiram sobreviver sendo que atualmente só uma filha é viva: Jovelina Souza Santos, 65 anos, 2 filhos. É ela quem cuida de Maria Patrocínia em uma modesta casa no fim de linha de São Caetano. Para garantir o sustento da família, lava roupa de ganho. Só tem elogios para a mãe, "uma pessoa ótima, que não dá nem um trabalho". As vezes, interrompe a conversa para consertar alguns "deslizes" de Maria Patrocínia. Exemplo: quando a velha mulher afirmou que quando vendia acaçá (pequeno bolo de milho branco moído, envolvido quente, em folha de bananeira) o preço era 1 tostão e hoje em dia é mais de 5 tostão.

"Que é isso mãe? Não existe mais este valor", destacou. É através dela que fica se sabendo que D. Patrocínia é um bom gar-

fo: "Ela come de tudo. A gente só toma cuidado com o sal". Afirma que a mãe tem boa saúde, embora sofra algumas tonteadas. Hábitos? "Acorda cedo. É o relógio da gente", frisa o neto, Genivaldo dos Santos, 26 anos, que confessa adorar a avó.

FUTEBOL E POLÍTICA

Mas a paixão de D. Patrocínia é mesmo o time do Bahia. A família conta que esta semana ela acompanhou o jogo do Bahia com o Criciúma até o final. "É uma torcedora fanática", afirma o neto. De política ela não gosta muito de falar. Na sua opinião, "Sarney é que está acabando com a gente". Não gosta do governador Waldir Pires, nem do ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães. Abre uma exceção para Fernando José: "É melhorzinho. Tenho fé em Deus

que vai cuidar do pobre". Político de verdade mesmo, na sua opinião só existiu um: "Getúlio Vargas, esse sim que era bom".

Ela se queixa do custo de vida e chega a afirmar que no tempo da escravidão era melhor que agora. Nesse instante a filha torna a interromper: "Mãe, que bobagem é essa?". Mas Patrocínia tem idéias próprias e rebate: "Era. Era e era. Tinha mais fartura. A gente comia bem, não era essa miséria dos dias de hoje. "Volta ao passado e revela que seus avós falavam a língua nagô e ensina, acrescentando que no Brasil "de antigamente" tinha as grandes nações africanas como Gege, Ijexá, Ketu e Iorubá. Defende a religião africana, mas não abre mão de sua condição de católica. O

sincretismo faz parte de sua fé: rende homenagens a Senhor do Bonfim e a Oxalá.

MISSA

Quem apostou que o aniversário da tão ilustre senhora iria passar em brancas nuvens, errou. No próximo dia 8, às 7 horas, será celebrada uma missa em sua homenagem na Igreja do Bonfim. Depois, em casa, participará de almoço em família com a filha, os netos e os bisnetos, além dos filhos e netos de criação. Qual o presente que gostaria de ganhar no dia do seu aniversário? "Nada de especial. Quero que seja um dia de alegria. Dias melhores virão. Quero sorte para todos", que assim seja.